

3

Os Impérios cristãos

BIZÂNCIO

ANOS

| | |
|--|-----|
| Desmoronamento do Império Romano do Ocidente. O Império Romano sobrevive no oriente com o Império Bizantino. | 476 |
| Justiniano assume o trono do Império Bizantino. | 527 |
| Paz Perpétua. Justiniano assina acordo de paz com os persas. Império Bizantino paga tributo ao soberano da Pérsia. | 532 |
| Organização do <i>Código Justiniano</i> . Reconquista do norte da África. | 535 |
| Construção da Catedral de Santa Sofia. | 537 |
| Reinício das hostilidades com os persas. Invasão da Síria e saque da Antioquia. | 540 |
| Morte de Justiniano. Exército bizantino retoma o controle da península Itálica. | 565 |
| Expansão dos povos eslavos nos Balcãs. | 582 |
| Vitória sobre os persas. | 628 |
| Povos búlgaros migram para as terras ao sul do rio Danúbio. | 670 |
| Fundação do Estado Búlgaro. | 681 |
| Imperador Leão III proíbe toda representação humana de Cristo, da Virgem e dos Santos nas igrejas. | 726 |
| Concílio de Hieria reconhece o iconoclasmo oficialmente com apoio do Imperador Constantino V. | 754 |
| Segundo Concílio de Niceia revoga a condenação a veneração de ícones. | 787 |
| Irene é a primeira imperatriz a governar Bizâncio. | 797 |
| Igreja Ortodoxa bizantina abandona a obediência a Roma. | 867 |

Desde o século IV, dois bispados cristãos mantinham uma crescente rivalidade no interior do Império Romano. Em 386, Dâmaso, bispo de Roma, proclamou a superioridade da capital do Império sobre todos os demais bispados cristãos. Seria a sede apostólica fundada pelos apóstolos Pedro e Paulo, e o seu bispo deveria ter a dignidade de sucessor de Pedro, o fundador da Igreja e o primeiro bispo de Roma: deveria ser designado como papa. Após a queda do Império do Ocidente, a Igreja de Roma passou a controlar funções e atividades administrativas até então exclusivas dos governantes romanos, ampliando ainda mais o seu poder.

Em 330, Constantinopla, antiga colônia grega de Bizâncio, havia sido escolhida pelo imperador Constantino para ser uma "nova" Roma. A cidade foi reconstruída e tornou-se a capital do Império Romano do Oriente. Desde o século IV, Constantino passou a ter sua dignidade equiparada à de um apóstolo. Como Pedro e Paulo.

Enquanto o latim mantivera-se como a língua oficial da administração ocidental, em 438 o grego passou a ser reconhecido como o idioma oficial do Império Oriental. As diferenças culturais, as rivalidades religiosas e a nova situação política europeia acabariam por afastar, cada vez mais, as comunidades cristãs anteriormente unidas sob o Império Romano. O rompimento ocorreria em 1054, levando à primeira grande ruptura da cristandade e à formação de duas Igrejas independentes, uma sediada em Roma e outra em Constantinopla.

Basílica de Santa Sofia

A exuberante Basílica de Santa Sofia foi construída na época de Justiniano e procurava representar a grandiosidade do Império. Suas dimensões equivalem a três campos de futebol. Seu projeto arquitetônico garantia um espaço imenso em seu interior, graças à aplicação de sofisticadas técnicas de engenharia.

Basílica de Santa Sofia, construída c. 532-537. Istambul, Turquia, 2012.



HARVEY LLOYD/GETTY IMAGES

Domínios germânicos, bizantinos e islâmicos

Em 565, tropas bizantinas conseguiram retomar o controle sobre a península Itálica, vencendo o exército ostrogodo. Mas a possibilidade de reunificação do Império Romano foi logo afastada com a ofensiva dos lombardos em 572.

Domínios germânicos, bizantinos e islâmicos

Em 565, tropas bizantinas conseguiram retomar o controle sobre a península Itálica, vencendo o exército ostrogodo. Mas a possibilidade de reunificação do Império Romano foi logo afastada com a ofensiva dos lombardos em 572.










EUROPA MEDITERRÂNEA (565)



Fonte: Elaborado com base em DUÉ, A. *Atlas histórico do cristianismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

EUROPA MEDITERRÂNEA (750)



- | | |
|---|--|
|  Domínios islâmicos |  Francos |
|  Invasão árabe do reino dos francos de 721 a 732 |  Lombardos |
|  Ataque da frota e do exército árabe contra o Império Bizantino |  Búlgaros |
|  Incursões árabes às costas da Sicília e da Sardenha |  Domínios cristãos na península Ibérica |
|  Império Bizantino em 750 | bascos Povos |

Fonte: Elaborado com base em *Atlas histórico*. Barcelona: Editorial Noguer, 1974.

O IMPÉRIO BIZANTINO

Enquanto a Europa ocidental se reorganizava politicamente, o Império Romano do Oriente ou Império Bizantino reagia às investidas dos povos germânicos. Além disso, experimentava uma época de esplendor cultural e político sob o regime do imperador Justiniano (527-565).

Com o governo de Justiniano, Constantinopla passou a ser a maior cidade europeia, e o Império alcançou o seu maior desenvolvimento. A localização da cidade era estratégica, passagem entre a Europa e a Ásia. Através de suas rotas, intensificavam-se as trocas comerciais e culturais entre essas duas partes do mundo. Cercada de muralhas, Constantinopla possuía bibliotecas, mosteiros, hospitais, escolas, jardins públicos, hipódromo (lugar com capacidade para 60 mil pessoas onde havia jogos, combate de animais e corridas de carros), palácios, residências de todo tipo, monumentos à maneira de Roma e igrejas.

Durante o seu governo também foi organizado o chamado *Código de Justiniano*, um vasto e complexo conjunto de leis escritas, que era uma manutenção e atualização das leis do Direito Romano.

No Império Bizantino, **o poder religioso estava subordinado ao imperador**. O *patriarca*, chefe da Igreja Cristã Oriental, era um integrante do corpo de funcionários do Estado. O poder de César prevalecia sobre a esfera religiosa. Ele podia interferir na doutrina, convocar assembleias religiosas (concílios) e tinha o poder de escolha do patriarca e de diversos cargos na hierarquia eclesiástica. A Igreja Oriental era uma instituição do Império. O patriarca, em contrapartida, assumia a regência do Império quando o sucessor era muito jovem e aconselhava o imperador. Em função disso, alguns estudiosos costumam definir a integração entre Igreja e Estado no Império Bizantino como **cesaropapismo**.

O palácio imperial era um verdadeiro santuário cristão, composto de um conjunto de edifícios, repletos de objetos sagrados. Era uma cidade dentro de Constantinopla, onde viviam milhares de funcionários. Era também o lugar onde se representava, como num teatro, o poder imperial. As cerimônias faziam com que o imperador fosse associado à figura divina. Suas roupas douradas e púrpuras, sua posição de destaque, no centro e no alto, criavam verdadeiros ritos imperiais. A exemplo da altura da igreja de Santa Sofia, iluminada pelas luzes que entravam pelas altas janelas, o imperador surgia como o altíssimo, como o ponto supremo da sociedade e da religião cristã entre os homens.

Do ponto de vista militar, Justiniano tentou restabelecer o controle de diversas regiões no Mediterrâneo. Suas tropas combatiam as forças germânicas na península Ibérica,

na península Itálica e no norte da África. Seus sucessores tentaram, em vão, reunificar o Império Romano a partir de Constantinopla. No entanto, os gastos elevados das obras e das campanhas militares e a expansão islâmica obrigaram os governantes bizantinos a adotar uma postura mais defensiva a partir do século VIII, quando então o Império preocupou-se mais em garantir as suas fronteiras territoriais do que estabelecer novas conquistas.



Imperador Constantino e sua esposa Zoe com Cristo. Mosaico, 1030.

A arte bizantina

A arte bizantina teve seu centro de difusão na cidade de Constantinopla a partir do século IV como produto da cultura helenística. Tinha um papel preponderante como difusor da fé e como meio de representação da grandeza do imperador. A pintura bizantina é representada por três tipos de elementos estritamente diferenciados em sua função e forma: os ícones, as miniaturas e os afrescos. Os ícones eram quadros portáteis originados da pintura de cavalete da arte grega, cujos motivos (temas) restringiam-se à Virgem Maria e ao Menino Jesus, ou ao retrato de Cristo.

As miniaturas eram pinturas usadas nas ilustrações ou nas iluminuras dos livros e, como os ícones, tiveram seu apogeu a partir do século IX. Já os afrescos tiveram sua época de maior esplendor em Bizâncio, quando, a partir do século XV, por problemas de custo, tomaram o lugar do mosaico.

O mosaico foi a técnica figurativa mais utilizada, pelo menos entre os séculos VI e VII. No início, os motivos eram extraídos da vida cotidiana da corte, mas depois adotou-se toda a iconografia cristã, e o mosaico se transformou no elemento decorativo exclusivo de locais de culto (igrejas, batistérios).

Tanto na pintura quanto nos mosaicos encontramos as mesmas regras de desenho: espaços idealizados em fundos dourados, figuras estilizadas ornadas com coroas para representar Cristo, Maria, os santos e os mártires.

ANÁLISE DE IMAGEM MOSAICO

Imperador Justiniano e sua corte

Material: Tessela de pasta vítrea

Datação: c. 547

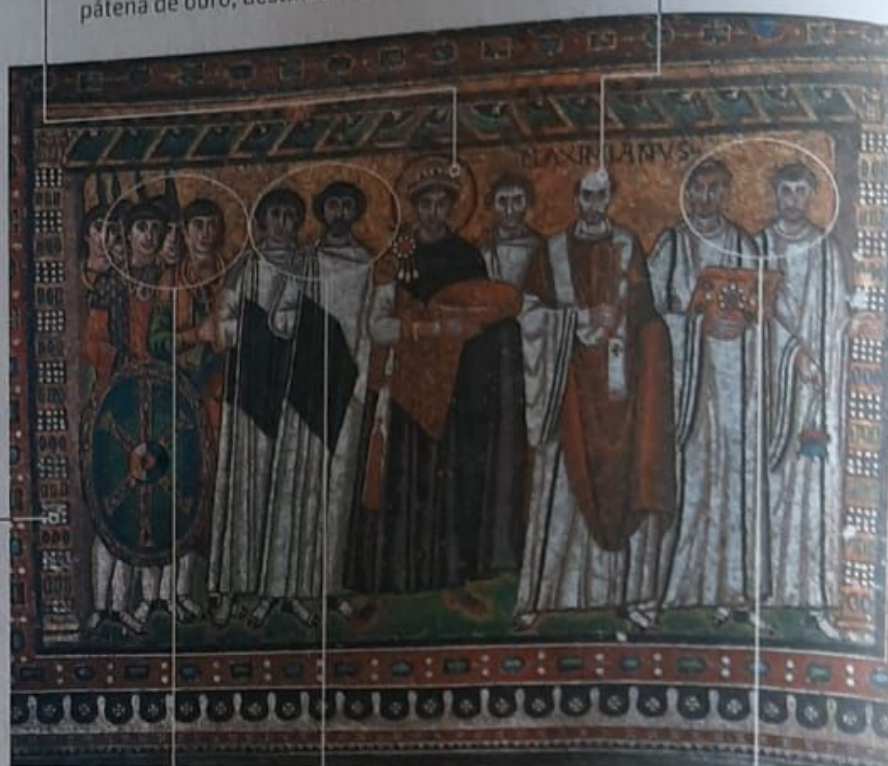
A obra faz parte do conjunto de arte musiva pertencente à Igreja de San Vitale, Ravena, Itália.

Primeiro olhar: 1

As figuras humanas são chapadas. Rígidas, esguias, com faces amendoadas e expressão solene, olhavam diretamente para a frente. Justiniano posicionado frontalmente no centro, ladeado por militares, membros da administração imperial e clero, reforça seu poder, estabelece sua posição central entre Igreja, exército e burocracia. A passagem representa o momento inicial da liturgia da Eucaristia.

2 Justiniano, vestido com manto púrpura imperial, apresenta coroa e um halo, que reforça a natureza teocrática da função imperial. Ele representa Deus na Terra e desempenha papel central na celebração da missa. Leva na mão esquerda uma pátina de ouro, destinada aos pães da comunhão.

3 Maximiano, Bispo de Ravena, leva a cruz em uma das mãos.



6 Grupo de soldados.

5 Membros da administração imperial.

4 Membros do clero carregam o livro do Evangelho e o incensário.

O IMPÉRIO CAROLÍNGIO

Em 732, Carlos Martel aplicou um golpe de Estado. Sua chegada ao poder representou uma ofensiva da aristocracia contra as tentativas centralizadoras dos monarcas merovíngios. Centralização e fragmentação marcaram a política dos reinos germânicos em geral, e particularmente do reino franco, desde o século V.

Seu filho, Pepino, o Breve, tornou-se o fundador de uma dinastia denominada **carolíngia**, em homenagem ao pai. Desde então, a aproximação com a Igreja intensificou-se. Em 751, Pepino recebeu o título de **protetor dos romanos** e teve seu reinado reconhecido pelo papa. Em retribuição, em 756 o monarca concedeu uma extensa área que fazia do papa líder de um Estado, como chefe do poder espiritual e do poder terreno.

Enquanto o reino carolíngio expandia-se territorialmente, estreitava-se o pacto político com a Igreja.

Ameaçado pelos lombardos em 774, o papado recorreu às forças carolíngias, que acabaram por anexar o seu reino ao território franco. No Natal de 800, o papa Leão III coroou Carlos Magno (rei desde 768) e lhe conferiu o título de **imperador dos romanos**.

Aliados, o Império Carolíngio e o papado fortaleceram-se reciprocamente, mas também viveram situações de conflito pela indicação de bispos e pela liderança da cristandade ocidental.

O reinado de Carlos Magno foi marcado, por um lado, pela centralização política garantida por uma eficiente máquina administrativa. Tal centralização representou um breve hiato no longo processo de fragmentação política iniciado no século III. Por outro lado, ocorria um deslocamento do centro de poder cristão do mar Mediterrâneo para o norte da Europa, base do Império Carolíngio.

O IMPÉRIO DE CARLOS MAGNO (814)



Fonte: Elaborado com base em DUBY, G. *Atlas historique*. Paris: Larousse, 1987.

A fragmentação do poder

O Império Carolíngio constituiu uma hierarquia de funcionários. Bispos da Igreja ocupavam postos importantes em suas dioceses, guerreiros e administradores recebiam terras do reino. Estabelecia-se uma série de obrigações de parte a parte. Eram relações baseadas em compromissos de fidelidade. O imperador oferecia as terras como benefícios (bens a serem usufruídos) e delegava os poderes políticos, militares e jurídicos sobre elas. Em troca, recebia o apoio militar para enfrentar os eventuais adversários e invasores.

Para controlar essa hierarquia, Carlos Magno contava com os **missi dominici** (mensageiros reais): fiscais confiáveis enviados em pares (um leigo e um eclesiástico) para as mais diversas partes do território carolíngio.

No entanto, tal centralização tinha um caráter pessoal. Baseava-se numa relação direta entre o imperador e seus delegados. Com a morte de Carlos Magno em 814, a tendência à fragmentação política se acentuava ainda mais. Multiplicaram-se as relações pessoais de compromissos, enfraquecendo ainda mais o poder central da dinastia carolíngia. A divisão do império em três grandes territórios, em 843, pelo

tratado de Verdun, combinava-se com a ofensiva clerical. A Igreja, através dos bispos, retomava a liderança política da cristandade, aproveitando-se da fragmentação do Império Carolíngio.

TRATADO DE VERDUN (843)



Fonte: Elaborado com base em KINDER, H.; HILGEMANN, W. *Atlas histórico mundial*. Madrid: Akal, 2006.

A CULTURA INTERMEDIÁRIA

Se do ponto de vista político a Europa vivenciava um aumento da fragmentação do poder, havia uma verdadeira centralização do ponto de vista cultural. Pode-se falar de uma adequação a uma situação de entrelaçamento cultural que vinha se desenhando desde as invasões germânicas.

A língua falada passava da latina à germânica. Assim, havia um descompasso: a oralidade não coincidia com a escrita. Como reação a isso surgiam duas medidas. De uma parte, uma padronização da caligrafia latina (introdução da **minúscula carolíngia**), que a tornava mais nítida e clara e permitiu a cópia de inúmeros manuscritos da cultura greco-romana e dos padres da Igreja. De outra parte, o início da escrita para as línguas germânicas, o embrião das línguas europeias atuais.

Entre a cultura erudita escrita em latim e a cultura popular oral tomava corpo uma **cultura intermediária**, composta por aspectos de ambos os níveis culturais. Um denominador comum constituído por elementos míticos pagãos e elementos da religião cristã. É dessa cultura intermediária que advém uma série de textos e escritos como a *Matéria da Bretanha*.

Sob a direção do monge Alcuíno de York (735-804) foi adotado um sistema educacional com escolas em mosteiros, dioceses e palácios. Um intenso trabalho de cópias de manuscritos era levado à frente graças a novas técnicas que aceleravam a escrita e padronizavam as fontes cristãs. Novos autores passavam a figurar nas bibliotecas dos mosteiros. Em geral, esses letrados eram membros do clero. Na reforma cultural do século VIII, difundiu-se entre os clérigos o estudo das chamadas sete artes liberais: o **trivium** (gramática, retórica e dialética) e o **quadrivium** (aritmética, geometria, astronomia e música).

No plano arquitetônico e artístico ocorreram também inovações. Igrejas e capelas de mármore e pedras talhadas eram suntuosamente decoradas com pinturas e esculturas que cobriam as paredes de alto a baixo. O trabalho com marfim e metais preciosos permitiu a produção de objetos de luxo, utilizados na liturgia cristã ou nos palácios carolíngios. Uma ampla reformulação na notação musical possibilitou marcar por sinais a altura dos sons e conservar, por escrito, as composições.

Por tudo isso, costuma-se denominar esse período de **Renascimento Carolíngio**. Mais apropriado é pensá-lo como um momento de ajuste que permitiu a articulação cultural entre as formações sociais romanas e germânicas.

Evangelistas



Os quatro evangelistas. Iluminura extraída do manuscrito *Evangelhos de Aachen*, c. 820.

Cada um dos evangelistas foi associado a um símbolo: São Mateus, a um anjo; São João, a uma águia; São Marcos, a um leão; e São Lucas, a um boi. Observe acima de cada um dos evangelistas representados na iluminura o símbolo correspondente.

O códice: a primeira revolução na história do livro

A palavra cristã espalhou-se a partir do século I. Mas além das pregações dos apóstolos e seus seguidores, a mensagem cristã contou com uma valiosa contribuição tecnológica. A partir dos séculos I e II, o antigo rolo de papiro (*volumen*) passou a ser substituído pelo **códice**, livro de folhas cortadas e costuradas em cadernos que facilitava o manuseio e criava novos hábitos de leitura. O livro, a partir de então, passou a ser escrito nas duas partes da folha, permitindo encontrar determinadas passagens com muito mais rapidez.

O códice esteve vinculado à difusão do cristianismo e foi produzido intensamente no interior dos mosteiros. No lugar das folhas de papiros, peles de animais, mais resistentes, denominadas pergaminhos. Grande parte da cultura greco-romana pôde ser assim duplamente conservada. Monges copistas reproduziam minuciosamente os livros sagrados e as obras de filósofos gregos, cujo pensamento era considerado compatível com a doutrina oficial do cristianismo. O trabalho de copista era uma dura

provação para o corpo. Um monge gastava, em média, um ano de trabalho para fazer uma cópia da *Bíblia*. Dores na vista, na coluna, no peito, no ventre, nos rins eram o preço a ser pago para salvar a palavra de Deus. Além do texto havia ilustrações coloridas que "iluminavam" o livro e por isso eram denominadas **iluminuras**.

Havia uma transformação importante na economia do livro. Artigos de luxo desde a Antiguidade feitos por profissionais de alta remuneração, os livros continuavam a ser produtos especiais, mas os seus produtores não eram mais altamente remunerados. A produção do livro estava condicionada também pela diminuição das relações mercantis e pela ruralização da sociedade. O livro passava da economia monetária para a esfera da "economia da salvação".

A SÍNTESE ROMANO-GERMÂNICA

Manuscript, labor, contest, liberty. Handwritten, work, struggle, freedom. A articulação entre as formações sociais romanas e germânicas pode ser percebida pelas palavras. No idioma inglês, por exemplo, se quisermos nos referir a manuscrito, trabalho, luta e liberdade temos pelo menos um termo de origem latina e outro de origem germânica. As palavras originárias do latim (*manuscript, labor, contest e liberty*) tornaram-se mais eruditas e menos utilizadas na comunicação oral, mas presentes na expressão escrita. As de origem germânica (*handwritten, work, struggle e freedom*), mais frequentes na fala cotidiana.

Do ponto de vista socioeconômico também ocorria uma síntese entre os elementos das duas formações sociais. A antiga propriedade romana (designada agora como **senhorio**) continuava a ser a principal **unidade econômica**. Mas com a queda do Império do Ocidente tornava-se uma **instância de poder** ainda mais fortalecida com a fragmentação do Império Carolíngio.

A aristocracia dominante tornara-se, nesse processo de fusão, uma classe social romano-germânica,

detentora de terras, de poderes e de armas (no caso dos guerreiros) ou de instrumentos da fé (no caso do clero). Os grupos dominados constituíam-se a partir de vários níveis de dependência e subordinação: homens livres que prestavam serviços aos poderosos, pessoas escravizadas em gradativo processo de diminuição e servos, homens semilivres que deviam uma série de prestações aos detentores de terras.

O processo de ruralização e de enfraquecimento das cidades não eliminou completamente o comércio. Havia ainda circuitos de circulação de riquezas e mercadorias, mas acentuava-se a tendência à regionalização da economia e à **autossuficiência**, ou seja, cada senhorio procurava produzir tudo o que era necessário para a sua sobrevivência.

A Igreja tornou-se o fio articulador dessa imensa colcha de retalhos sociais e políticos. O enfraquecimento dos poderes políticos seria proporcional ao fortalecimento do poderio eclesiástico ao longo do período medieval.

Nos séculos VIII e IX, uma nova onda de invasões acentuou a ruralização e a regionalização econômica e política. Varegues e vikings (povos germânicos) e magiares (povos asiáticos) promoveram uma série de pilhagens em quase toda a Europa. Os vikings, designados por "homens do norte", acabaram por se fixar na Gália, numa região denominada Normandia (de *north men*). Os magiares estabeleceram-se ao norte dos Balcãs, onde populações eslavas já haviam se fixado anteriormente.

Fustigados também pelo sul pelas forças islâmicas, os cristãos ocidentais e bizantinos tinham seus territórios diminuídos e constantemente ameaçados. Sem contar com a centralização imperial bizantina, os fragmentados reinos ocidentais presenciaram a proliferação de enormes fortalezas que visavam protegê-los dos invasores. Os castelos medievais surgiam como um recurso defensivo e acentuavam ainda mais a sensação de isolamento das comunidades cristãs. Vivia-se, sem dúvida, uma nova ordem mediterrânea, muito diferente daquela constituída em torno do *Mare Nostrum* dos tempos romanos.